



ANÁLISE SOBRE A CONDIÇÃO FINITA DO HOMEM, SEGUNDO SÊNECA (SOBRE A BREVIDADE DA VIDA)

Sérgio Luiz Souza Nascimento Júnior¹

Sêneca no início de sua reflexão afirma que a maior parte dos mortais vive lamentando o passar do tempo e os efeitos da natureza sobre o corpo. Os efeitos da natureza vem sobre todos. Diante disto, Sêneca afirma a expressão de Hipócrates, pai da medicina: “A vida é breve, a arte é longa”. Aristóteles afirma que com a natureza é exigido um mínimo de equidade: “A natureza concede aos animais um tempo de vida tal, que lhes permite ver passar cinco ou dez gerações; ao homem nascido para realizar muitas e grandes coisas fixas um limite mais breve”. Segundo Sêneca, não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos uma grande parte dela.

A vida sendo bem empregada, é suficientemente longa e elas nos é dada como dádiva divina com o propósito para a realização de importantes tarefas. Enquanto dedicamos ao luxo e as coisas supérflua sem alcançarmos objetivos concretos, estamos desperdiçando o nosso tempo e nossa vida se esvai. Sendo assim, não temos uma vida breve mas fazemos com que seja assim, então a vida não é breve, mas o nosso tempo que sendo mal administrado, transforma a vida breve. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 25-26).

Sêneca indaga: “Por que reclamamos da Natureza?” ele justifica que a natureza se mostra benevolente e afirma que se soubemos viver a vida ela se torna longa. Ele enumera uma diversidade de circunstâncias que levam as pessoas a perderem tempo e desperdiçar a vida. Entre elas estão: a ganância, os trabalhos supérfluos, a embriaguez, as preocupações com a opinião alheia e o anseio de acumular riquezas. Com um passar dos anos o indivíduo nota-se que tudo isso roubou o seu tempo. Sêneca exprime uma frase de Virgílio: “pequena é a parte da vida que vivemos”. Assim ele justifica que o indivíduo que vive, a vida submetida, as circunstâncias mencionadas anteriores, acaba desperdiçando toda a sua vida. Diante disso Sêneca afirma: “Pois todo o restante não é vida, mas somente tempo”. Os vícios aprisionam o homem as paixões e a um mundo de ilusão, distanciando de si, da verdade e da interioridade. As ambições tiram à tranqüilidade da vida. As riquezas são pesadas para muitos, os trabalhos excessivos ocupam o tempo e tira a liberdade. As pessoas ocupadas em seus trabalhos excessivos, acabam dedicando boa parte de seus tempo com os outros e esquecendo de cuidar de si próprio. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 27-29)

Os homens em sua insensatez, jamais permitem que suas propriedades sejam invadidas e muitas das vezes as guerras se originam desses conflitos. No entanto, permitem que outros invadam suas vidas de tal modo que eles conduzem seus invasores a isso. Não se encontra ninguém que queira dividir sua riqueza, mas a vida é distribuída entre muitos! São econômicos na preservação de seu patrimônio, mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avareza. Ao indagarmos os mais velhos, podemos constatar que um ancião mesmo ter vivido longos anos, cem anos ou mais, no curso da existência, quanto tempo da vida foi tirado por um credor, uma amante, pelo poder, por um cliente. Quanto tempo foi tirado pelas brigas conjugais e

¹ Egresso da UCSal do Curso de Filosofia. E-mail: sergiuslux@yahoo.com.br.



por aquelas com escravo, por obrigações diversas, as doenças. Diante disso constatamos que vivemos menos tempo que os anos contam. Ao analisar o tempo de nossa vida, Sêneca levanta uma série de indagações e justifica que ao longo da vida muito de nosso tempo é desperdiçado.

Ao perscruta a memória: quando atingiste um objetivo? Quantas vezes o dia transcorreu como planejado? Quando usaste teu tempo contigo mesmo? Quando mantiveste uma boa aparência, o espírito tranquilo? Quantas obras fizeste para ti com um tempo longo? Quantos não esbanjaram a tua vida sem que notasse que estava perdendo? O quanto de tua existência não foi tirado pelos sofrimentos sem necessidade, tolos contentamentos, paixões ávidas, conversas inúteis, e quão pouco te restou do que era teu? Compreenderás que morres cedo”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 30-31)

O homem muitas das vezes desperdiça o seu tempo e reclama que a vida é breve. Muitos homens projetam que ao chegar aos cinquenta ou sessenta anos, se dedicará ao ócio. Diante disso, Sêneca indaga: “Que certeza tem que há uma vida tão longa?” O homem não deve projetar a amanhã, o futuro não nos garante nada, ele ainda não existe. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 31) Portanto o homem ao atingir cinquenta ou sessenta anos, tem somente resquício da vida, se foi, boa parte de sua vitalidade, é tarde demais para começar a viver, portanto não devemos adiar o nosso viver para os quinquagésimo ou sexagésimo anos. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 32)

Nos capítulos: IV, V,VI e VII Ele exalta a condição do ócio como uma necessidade humana, o homem precisa do tempo para si, o ócio é algo desejado pelos homens. Com esta idéia ele contesta muitas pessoas que despreza o ócio por se achar insubstituível. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 33). Sêneca exemplifica como caso, a saga do imperador romano, Otavio Augusto, que como imperador, dedicou toda a sua vida, as questões pública e administrativa do império e no apogeu de suas conquistas e de suas fortunas, almejava somente uma coisa, o ócio e isso deixaria sua alma renovada. Otavio Augusto desejava tanto o ócio e por não ter gozado desta condição antegozava em pensamento. Envolvido com as suas funções e obrigações pública, no qual decidia da sorte dos homens e das nações, o achava insubstituível, sendo assim sonhava em um dia despojar de sua magnitude. Otavio Augusto refletia sempre sobre quanto suor e sangue custou as suas conquistas, quantos combates e com isso para ele as férias podia ser um perigo, em perder seu posto de poder. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 33-34)

Posteriormente Sêneca exemplifica; Livio Druso, homem de caráter violento e veemente. Livio foi um grande advogado romano, ele reclamava de nunca ter tido férias, nem em sua infância. Ainda adolescente, prematuramente inicia sua ocupação no tribunal, ditando recomendações sobre os réus aos juizes e alcançou uma carreira bem sucedida, Livio desde sua infância aspirava só uma coisa, o ócio e por não ter gozado desta condição, talvez se justifique a índole de seu caráter violento. Com isso especula-se que Livio Druso ter se suicidado. Sêneca adverte, que de nada adianta buscar por uma vida bem sucedida e não alcançar a realização pessoal. Porque uma vida dedicada as ocupações, não é uma vida bem aproveitada. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 38-39).

Sêneca censura a prática de algumas pessoas que justifica nunca ter tempo para nada, mas vive ocupado com o vinho e nos prazeres da carne. Sêneca estende sua censura para aqueles evidenciado anteriormente, que se prendem a imagem da glória, aspirando o sucesso e as conquistas. Sêneca dirige a estes assim: “erram honradamente”. Entre estes estão: os avaros, os raivosos ou os que se entregam a ódios e injustas guerras, enquanto os que se abandonam a



gula e aos prazeres carnavais se degradam de forma desonrosa. Sêneca censura as pessoas ocupadas da seguinte forma e afirma que estas pessoas não pode fazer nada bem: não pode se dedicar a eloquência nem aos estudos liberais, já que o seu espírito, distraído com coisas diferentes, não se aprofunda em nada, ao contrário, tudo que lhe é imposto rejeita. Ele pontua: “Nada está mais longe do homem ocupado do que viver, nenhuma coisa é mais difícil de aprender”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 40).

Aprender a viver é muito necessário, esta era a busca e indagação de grandes homens. Estes afastaram-se de todos obstáculos, renunciaram as riquezas, os negócios e as riquezas, usaram o tempo até o fim para aprender a viver. Estes grandes homens não consentem que seu tempo seja subtraído por nada ou por alguém e assim toda a sua vida é muito longa. Sêneca elogia esta condição de vida, isto porque eles se dedicaram a si mesmo, não importando quanto tenha durado e não manteve descuidado, distraído ou esteve subordinado a outro. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 41).

Sêneca interpela e apela em seu pensamento a uma reflexão sobre a vida, e afirma que devemos ter cuidado com o tempo, e temos que administrar de forma devida, não permitindo que ninguém o roube, e o maior cuidado que devemos ter, é afastar das ocupações. Diante disso ele adverte que muitas pessoas se deixam roubar seu tempo por inúmeras circunstancia na vida, ele levanta uma série de indagações e nos convida a analisar se nosso tempo está sendo aproveitado devidamente. Ele justifica esta idéia da seguinte forma:

Quantos dias te levou aquele réu? E aquele candidato? E aquela velha cansada de enterrar herdeiros? E aquele que finge ser doente para exercitar a cobiça dos caçadores de testamentos? E aquele amigo poderoso, que te quer não como amigo, mas como parte de seu cortejo? Faz a conta dos dias de tua vida, perceberás que poucos restaram para ti mesmo. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 42).

Sêneca censura aqueles que anseia os cargos elevados, estes quando atinge o que deseja surge novos anseios e com isso fica perturbado numa esperança infinita e insaciável e por sua vez não alcança a paz e a tranqüilidade. Estes acabam tendo ânsia com o futuro e tendo tédio do presente. Mas aquele que utiliza todo o tempo apenas consigo mesmo, que organiza seus dias como se fosse o ultimo, este não deseja, nem teme o amanhã mais tem o seu coração tranqüilo. Segundo Sêneca, este conhece todas as coisas, tudo foi desfrutado à saciedade. Nada lhe falta, nada lhe pode ser adicionado ou retirado. Segundo Sêneca, não são os cabelos brancos e as rugas que determinam que a pessoa viveu muito, apenas existiu por um longo tempo. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 43).

Sêneca adverte sobre ausência do valor dado ao tempo, é o caso de muitos que não aproveitam o momento, que é único e muitas das vezes as pessoas passam por circunstâncias de proximidade a um determinado compromisso, e vem a pedir tempo. Talvez a grande razão dessas pessoas não sejam a falta de tempo dado, mas o mal aproveitamento deste, o tempo muita das vezes não é valorizado, e muita das vezes, essas pessoas no curso da vida, quando chega a enfermidade e o limite para a morte, recorre aos médicos, dispostos a gastar fortunas. Muitas das vezes, o tempo só é valorizado, quando muitas coisas na vida se passaram e deste pouco tempo se procuram administrar. Sêneca justifica isso, da seguinte forma:

Ninguém te devolverá aquele tempo, ninguém te fará voltar a ti próprio. Uma vez lançada, a vida segue o seu curso e não o reverterá nem o interromperá, não



o elevará, não te avisará de sua velocidade, transcorrerá silenciosamente. Ela não se prolongará por ordem de um poderoso, nem pelo desejo do povo. Correrá tal como foi impulsionada no primeiro dia, nunca sairá de seu curso, nem o retardará. O que acontecerá? Tu estás ocupado, e a vida se apressa. Por seu turno, a morte virá e a ela deverás te entregar, querendo ou não. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 45).

Sêneca censura também a insensatez de muitos que vivem a vida aspirando por conforto. Sêneca afirma: “acumulam a vida dissipando”. Com isso, esta crítica é feita para aqueles que passam a vida fazendo seus projetos para longo tempo e acaba por si não vivendo o tempo presente e antecipando o futuro. Sêneca pontua: “A expectativa é o maior impedimento para viver: leva-nos para o amanhã e faz com que se perca o presente”. Sêneca com isso adverte que as coisas que virão, jazem na incerteza e por isso devemos viver o presente. O poeta Virgílio confirma esta idéia ao dizer: “O melhor dia da vida é o que foge primeiro as miseráveis mortais”. Com estas palavras Sêneca censura os ocupados que por não aproveitar o tempo vivem lamentando-se. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 46-47).

A velhice é temida somente para aqueles que não se preparam e não previam que o tempo flui. Assim Sêneca adverte que devemos viver os momentos como único, e assim saboreamos a vida, viver é reservar o tempo para nós mesmo. Analisando o tempo, Sêneca faz analogia a uma viagem, no qual, o viajante ao seguir o destino ao se distraí com uma leitura ou uma conversar chega ao destino sem mesmo perceber que o destino se aproxima. Ele conclui: “Assim é o caminho da vida, incessante e muito rápido, que dormindo ou acordados, fazemos com u mesmo passo e que, aos ocupados, não é evidente, exceto quando chegam ao fim”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 47).

Sêneca afirma que muito breve é a vida dos homens ocupados. Segundo Fabiano, filósofo estóico, este afirmava que o homem deve combater as paixões, nelas estão o grande erro dos insensatos. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 49).

Sêneca classifica a vida em três períodos: aquilo que foi, o que é e o que será. Ele prosegue em seu pensamento afirmando que o que fazemos é breve, o que faremos é dúbio e o que fizemos é certo. Não é possível ter o controle sobre o passado, querer recuperar é uma tarefa impossível. Isso é admitido pelos homens ocupados, para eles não sobram tempo para olhar o passado e mesmo se sobrasse seria uma desagradável recordação. As vezes as circunstâncias da vida inspiram lembranças, dos maus tempos e as recordações se tornam algo inevitável de vir a tona. Sêneca define o passado como uma parte sagrada, que ultrapassa todos os reveses humanos esta parte não pertence ao destino é algo que existe em nossa memória e nos pertence. Sêneca afirma que cada dia só estar presente por alguns momentos, mas todos os dias do passado nos são apresentados quando ordenamos. Recordar o passado é uma tarefa difícil para as pessoas ocupadas, pois a este lhe faltam tempo, mas uma alma segura e tranqüila pode correr por todos os momentos da vida. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 50).

O tempo presente é muito breve e alguns não percebem isso. O tempo está em curso, flui e se precipita, não temos o controle sobre ele. Sêneca justifica: “Assim, somente o tempo presente pertence aos homens ocupados, tempo este tão breve que não pode ser alcançado e que é retirado deles já que estão distraídos com muitas coisas”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 51).



Os ocupados vivem poucos, eles desejam longamente viver, andam a procura de formula da juventude e buscam que o tempo se prolonguem, no entanto acabam enganando a si mesmo. Eles temem a doença e a morte e quando chegam a terceira idade reconhecem a tolice que viveu em tempos anteriores, reconhecem que passaram todo o transcurso da vida adiando o ócio e esforçando para adquirir bens e coisas que não aproveitaram e depois de tudo reconhece como vão todos os seus trabalhos. Segundo Sêneca, aqueles que se encontram livres de ocupações, que não delegou sua vida a outrem, que nada foi dispersado, nada deixado a sorte, nada desperdiçado com negligência, nada esbanjado pela liberalidade, nada foi supérfluo. Este sim, Sêneca sinaliza que talvez não se diz que teve uma vida longa mas proveitosa. Ele conclui: Por mais curta que seja, é mais que suficiente, de maneira que ao chegar o ultimo dia, o homem sábio hesitará em ir para a morte com tranqüilidade. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 52-53).

Ao censurar as pessoas que se dizem ocupadas, Sêneca conceitua como ocupados, aquele que exercem funções de excessivas horas de trabalhos mas também sua censura se estende para aqueles que fazem do ócio uma ocupação indolente, ou seja, aqueles que no período ocioso se dedica a coisas fúteis. Entre estes Sêneca incluem, aqueles que dedica boa parte do tempo para coleção de tesouros e conserva este com uma ansiosa delicadeza, aqueles que passam boa parte do tempo discutindo sobre raça e espécie de seu rebanho, aqueles que dedicam boa parte do tempo aos jogos esportivos e aquele que do o ócio disponibiliza boa parte do tempo para a vaidade, como muitos que passam horas no barbeiro ocupando da aparência. Tudo isso Sêneca classifica como atividade fútil. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 54-55). Sêneca afirma que muitos buscam o supérfluo e despreza o essencial para a vida. A partir daí ele levanta uma série de indagações:

Quantos preferiam ver em desordem a républica e não sua cabeleira? Quantos se atormentam mais com a elegância de sua cabeça do que com o seu estado de saúde? Quantos preferem ter o cabelo mais bem penteado a ser honesto? Estes que estão sempre ocupados entre o pente e o espelho são os que tu chamas de ociosos? (Cf. SÊNECA: 2006, p. 55-56).

Sêneca cita em sua censura, os que dedicam ao ócio, para a recitação, escuta e composição de canções. Segundo Sêneca isso não é repouso mas ocupação inerte. Ele estende sua censura aos que vivem, a passear para lá e para cá em suas carruagens ou em liteiras, estes que jamais perdem a hora para seus passeios e tem inúmeros escravos a sua disposição. Sêneca indaga será que isso é ócio? E a seguir afirma: “Estas pessoas são escravas do vicio da preguiça”. Segundo Sêneca, o preguiçoso é um morto vivo. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 57).

Sêneca em sua série de censura cita aqueles que desperdiçam a vida em jogos de xadrez, bola, ou bronzeando-se ao sol. Segundo ele, estas pessoas se ocupam em nada fazer, portanto, isso não é ócio. O tempo livre muitas das vezes não é bem aproveitado, com isso Sêneca censura aquelas pessoas que dedica-se a inútil estudos de literatura, buscando vil detalhes e deixando de lado o essencial, como ex: procurar saber quantos remadores tinha Ulisses, se foi a *Ilíada* ou a *Odisséia* que foi escrita primeiro. Diante disso Sêneca acrescenta: “Tal ciência não traz nenhum benefício, apesar de chamar a atenção pela frivolidade da façanha”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 59).

Sêneca no capítulo XIV apresenta a condição ideal do ócio. Em seu conceito, o ócio é a condição de estar livre para se dedicar a busca da sabedoria, esta é a vida ideal. O individuo que vive esta condição, controla muito bem sua vida e também atinge a eternidade, a atemporalidade.



Os anos que passaram e são somados aos seus. Sêneca menciona a sabedoria dos sábios que construíram a história, e afirma, que esta sabedoria, transcende aos tempos, e as lições dos mestres apesar dos séculos, se torna atual. A sabedoria conduz o homem das trevas para a luz. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 64).

O homem que atinge a sabedoria transcende aos tempos, ele transita através das idéias, por todos os séculos. O homem é conduzido a atemporalidade. Através de seus pensamentos, ele indagar-se no dialogo com Sócrates, encontra tranqüilidade com Epicuro e vence a natureza humana com os estóicos, assim o homem comunga com a eternidade. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 64-65).

Diante disso, Sêneca censura aqueles, que se envolvem com séries de compromissos e ele prossegue em seu pensamento, elogiando aqueles que desfrutam todos os dias, das idéias de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles, Teofrasto e de outros mestres das boas artes, e conclui: “Nenhum deles faltará, nenhum mandará embora aquele que o procurar sem deixa-lo mais feliz e mais dedicado a ele; nenhum permitirá, a quem quer que seja, sair de mãos vazias; eles podem ser encontrados por qualquer mortal, seja durante o dia, seja à noite”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 66).

Sêneca adverte que as idéias e sabedorias dos sábios não levaram o homem a morte mas ensinará ao homem o caminho da boa morte, conhecer a sabedoria dos sábios não é uma desperdício de tempo nem dos anos mas acrescentará os dias. Feliz e bem-aventurado é aquele que se dedica a buscar esta sabedoria, que bela velhice terá aquele que experimenta da sabedoria. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 67).

Sêneca afirma que pela condição da natureza, não poderemos escolher os nossos genitores mas quando abraçamos a sabedoria, podemos ter um nascimento de acordo com nossas escolhas. Ele prossegue, em seu pensamento afirmando que através de abraçarmos e consequentemente nascermos na sabedoria, poderemos aderir uma nova família e de seus patrimônios imateriais. A sabedoria dos mestres conduzirão o homem ao caminho da eternidade e te elevará ao ponto mais alto de onde ninguém corre risco de cair, ela é algo que é incorruptível, o tempo jamais há de destruí-lo, e Sêneca conclui:

Assim, a vida do sábio se estende por muito tempo, ele não tem os mesmos limites que os outros, é o único que não depende das leis do gênero humano, todos os séculos o servem como a um deus. Algo se perde no passado? Ele recupera com a memória. Está no agora? Ele desfruta. Há de vir com o futuro? Ele antecede. A união de todos os tempos em um só momento faz com que sua vida seja longa. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 68-69).

Breve e agitada é a vida daqueles que esquecem o passado, negligenciam o presente e temem o futuro. Segundo Sêneca, este pobre coitado, quando chegam o fim da vida, entendem muito tarde, que estiveram ocupados fazendo nada e descobre que toda a vida foi desperdiçada e por conseguinte, chega o desespero e invocam a morte. Estes não valorizavam o ócio, procurava a todo custo uma ocupação, muitas das vezes estas pessoas queixa-se que o dia e as horas custasse a passar, e com isso para matar o ócio, vivia-se ocupando o hoje, a espera do amanhã, e com isso perdia-se o proveito e a noção, que a vida é breve. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 70-71).



No capítulo XVIII, Sêneca adverte o interlocutor, personificado na pessoa de Paulino. Ele adverte que devemos afastarmos do vulgo e ir a procura de paz e tranqüilidade, e com isso ele sinaliza ir em busca do ócio e nisto se consiste em fugir das obrigações públicas, que tanto perturba a alma do homem. No ócio, o homem deve ocupar o tempo consigo mesmo. E o que consiste em ocupar este tempo? Segundo Sêneca, ocupar o tempo conosco não significa entregar-se a preguiça, a inércia, ao sono, nem a qualquer dos prazeres caros ou vulgo. Ele afirma: “Isto não é repousar”. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 76).

Diante disso, Sêneca afirma que nós não devemos viver aspirando méritos, títulos honoríficos ou funções e cargos públicos elevados. Estas aspirações custam caríssimos, ou seja, um custo que chegar ser toda uma vida. Ele afirma: “A fim de que um único ano lhes seja dado, consumirão todos os seus anos”. Com isso, muitos que são movidos, por esta busca insensata, chegam a morrer na primeira fase da vida, antes mesmo de conseguirem o que tanto almejam, e outros que se dedicaram, com tanto sacrifício, por estes méritos recebem simplesmente uma frase inscrita no túmulo. Portanto, de que vale tanto sacrifício? Quão insensatos são os velhos, que depois de dedicar uma vida inteira em ocupações, ainda quando chega a velhice, período as fraquezas e debilidades, mantém-se envolvido com árduas tarefas. Segundo Sêneca, é lamentável a situação destas pessoas de idade avançada que passaram e passam a vida sendo escravo do trabalho, o que resta depois? Simplesmente ao chegar a morte, seus sacrifícios muitas das vezes não é reconhecido pelos herdeiros. (Cf. SÊNECA: 2006, p. 82-83).

REFERÊNCIA

SÊNECA, Lucius Aneus. *Sobre a brevidade da vida*. Col. L e PM POCKET, Ed. LPM. Porto Alegre, 2008.